

Instituto Sedes Sapientiæ
Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana
1º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
3º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
6º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 9 – 07.05.2015

Assunto principal: Função estruturante incestuosa normal e defensiva. O Quatérnio Primário normal e patológico. O Complexo de Édipo (patológico) na sua forma neurótica e psicótica.

Texto de referência: Psicologia Simbólica Junguiana, pp. 63-76, 79-114 e 115-128.
Análise do filme *O Exorcista* dirigido por William Friedkin.

Boa tarde a todos.

Nesta aula, veremos novamente três características muito importantes da Psicologia Simbólica Junguiana.

A primeira é que todos e quaisquer símbolos e funções estruturantes são arquetípicas e normais, mas quando ativados formam defesas e Sombra na patologia. Isto ocorrerá exuberantemente com os símbolos e funções estruturantes da sexualidade, da afetividade e da agressividade, no filme *O Exorcista*..

A segunda é que a Psicologia Simbólica Junguiana (PSJ) tem uma estruturação conceitual baseada no Arquétipo da Alteridade e, por isso, ela não contradiz nem exclui nada de qualquer fenômeno psicológico, subjetivo ou objetivo, aqui ilustrado pelo Complexo de Édipo da Psicanálise. Ela (PSJ) busca integrar todos e quaisquer fenômenos retirando os seus redutivismos e os inserindo como símbolos e funções estruturantes dentro do processo de elaboração simbólica nos processo de individuação conceituado por Jung e de humanização, por Teilhard de Chardin.

A terceira é que, mais cedo ou mais tarde, as fixações, as defesas e a Sombra atravessam o caminho do desenvolvimento e precisam ser confrontadas e seus conteúdos resgatados sob pena de ocorrer estagnação do processo.

Como tenho repetido a vocês, considero a genial descoberta do Complexo de Édipo por Freud uma fixação patológica do quatérnio primário. Pelo fato de os pioneiros Freud, Jung e Adler não terem feito análise, eles frequentemente confundiram o normal

com o patológico. Isso aconteceu principalmente com os conceitos de defesa e de complexo.

Em 1892, Breuer relatou a Freud a cura do sintoma de fobia à água de Ana O. (Bertha Pappenheim), dez anos antes, pela hipnose (*talking cure* – cura pela fala) e (*chimney sweeping* – limpeza da chaminé). A origem do sintoma, que era o cãozinho da governanta ter bebido no copo em cima da mesa, estava reprimida e inconsciente. Após a hipnose e a conscientização da causa, o sintoma desapareceu. Este caso inaugurou a psicanálise e a teoria da repressão. Daí em diante, não havia porque não considerar a repressão e todas as defesas relatadas depois dela, como patológicas.

Posteriormente, porém, ao descobrir o Complexo de Édipo em si mesmo e a generalizá-lo para todas as crianças pelo fato de terem pulsões sexuais parciais (pré-genitais), Freud caracterizou as crianças como perverso-polimorfas sujeitas à repressão e sublimação para formar o Ego.

Desta maneira, a psicanálise abriu a teoria para considerar a repressão também normal. Daí por diante todas as defesas foram consideradas patológicas e também normais, o que enfraqueceu e confundiu muito o conceito de defesa.

Considero que esta posição teórica revelou uma defesa do próprio Freud para não reconhecer o grau de anormalidade do seu Complexo de Édipo. Isto aconteceu, penso eu, porque Freud mencionou, mas não descreveu sua relação incestuosa com sua mãe, o que teria podido configurar o grau de patologia do seu Complexo de Édipo.

Tenho considerado, em minha obra, a defesa sempre como patológica por ser o resultado da fixação de uma função estruturante normal que passa a formar a Sombra. **Nesse sentido toda fixação gera defesas, compulsão de repetição, resistência e inadequação existencial.** São estas características que nos permitem reconhecer a patologia no quaternio primário normal e detectar o surgimento de deformações patológicas, inclusive aquela descoberta por Freud como Complexo de Édipo.

No quaternio primário, a mera existência de afeto pela mãe e antagonismo (agressividade) ao pai ou o oposto, ou dos pais para com os filhos, faz parte de qualquer relacionamento normal, pois afeto e agressão são funções estruturantes que podem ser normais. O alto grau de patologia do Mito de Édipo mostra que ele é um mito de uma grande disfunção do Self familiar, formada por uma defesa psicopática de tentativa de filicídio dos pais e uma defesa incestuosa e parricida do filho, primeiramente dentro da dimensão neurótica e, posteriormente, psicótica com automutilação (cegueira).

Somente com esse discernimento entre o normal e o patológico, podemos compreender a fixação ocorrida no quaternio primário da jovem Regan, no filme *O Exorcista*, inicialmente no dinamismo neurótico e a seguir psicótico com a possessão pelo

demônio. Diferentemente do Complexo de Édipo tradicional, a jovem Regan, possuída pelo demônio, seduz (as figuras paternas) e as ataca.

A persona é um arquétipo que se desenvolve com a cultura e que propicia a integração dos símbolos e arquétipos na dimensão social.

Na puberdade, junto com o amadurecimento sexual, ativam-se os arquétipos da Anima, do Animus, da Alteridade e do Herói, que propiciam a transição dos arquétipos Matriarcal e Patriarcal para a posição ativa. Trata-se da passagem da terceira para a quarta fase do desenvolvimento psicológico, na qual ocorre uma extraordinária revolução arquetípica e simbólica (segunda metanóia). Sua finalidade é exacerbar a diferenciação dos jovens dos pais dentro do Self familiar e introduzi-los no Self cultural para sair do ninho parental e construir o seu próprio lar com a vida conjugal, familiar e profissional (terceira metanóia).

Esta mudança é tão intensa que, como em toda metanóia, os Arquétipos da Vida e da Morte são grandemente ativados e o simbolismo da morte dos pais e da própria criança é muito frequente.

Acontece que a mãe de Regan não só não ajudou a filha a construir a Persona para incorporar a agressividade e a sexualidade pela imitação, como a infantilizou, defensivamente, impedindo que ela o fizesse. A mãe, apesar de separada do pai e desprezá-lo como péssimo pai, mentiu para Regan, negou o seu relacionamento amoroso com Burke e invalidou o significado do que a menina percebera durante a noite, e que, provavelmente, foi a relação sexual entre a mãe e Burke. A mãe chegou ao ponto de afirmar que ela e Burke eram apenas bons amigos, pois ela, “apesar de separada do pai de Regan, o ama e o amará sempre”. Com esse “conto da carochinha” a mãe invalidou a elaboração das funções estruturantes sexuais, ciumentas e agressivas de Regan, o que a deixou muito vulnerável e predisposta para a possessão sombria pela agressividade e pela sexualidade.

No dia do aniversário de Regan, junto com a ausência de qualquer manifestação afetiva do pai que está em Roma, Regan ouve um telefonema de sua mãe para ele, no qual ela revela não só a ausência de qualquer relacionamento amoroso entre eles, como uma grande agressividade e indignação pela omissão afetiva dele com a filha, invalidando toda a montagem cor-de-rosa que havia representado para a filha.

As manifestações de ruídos no sótão (poltergeist significa espíritos barulhentos) vão aumentando e no dia de uma festa em sua casa, Regan tem o primeiro surto de possessão pelo demônio. Ela prevê a morte de Burke e urina no meio da sala.

Tem início a parte médica do filme com diagnósticos e exames neurológicos que buscam consolidar a suspeita de um distúrbio cerebral (lesão no lobo temporal) para

explicar a conduta agressiva de Regan e as convulsões que apresenta (epilepsia temporal). Os exames são negativos e os próprios médicos chegam ao “diagnóstico” de possessão e, por desconhecimento psicodinâmico da possessão, aventam a possibilidade de um ritual de exorcismo. O exame psiquiátrico é caricatural e enfraquece o filme do ponto de vista médico, principalmente, por reduzir os sintomas exclusivamente à dimensão neurológica e por não apresentar nenhuma abordagem psicodinâmica.

O Padre Merrin e o Padre Karras são chamados e começam o ritual de exorcização dentro da tradição católica, cujo significado simbólico queremos aqui analisar. O padre Merrin sofre de angina e o Padre Karras está em crise religiosa por perda da fé e extremamente preocupado e culpado por ter deixado sua mãe idosa, sozinha em NY.

O ritual do exorcismo nos permite ver as fixações e defesas das personalidades dos padres Karras e Merrin. Como em qualquer psicoterapia dinâmica, a transferência do paciente pode ocorrer antes, durante ou depois da transferência do terapeuta (veja meu trabalho sobre o “O Conceito de Self Terapêutico e o Quatérnio Transferencial” no meu site).

As agressões do demônio são dirigidas por empatia à Sombra de Karras, atingindo em cheio sua fixação incestuosa com sua mãe e sua repressão sexual.

Karras e Merrin cometem o erro básico de entrar em luta de poder com a Sombra (o Demônio), dentro do dinamismo patriarcal. Como sabemos, se entramos em luta de poder com uma defesa, ela se exacerba grandemente. Por isso, o psiquiatra baiano Juliano Moreira dizia, com grande pertinência, - “Nunca contrariar o paciente”. Ao fazerem isso, os dois padres seguem a posição polarizada patriarcal, que dominou a Igreja Católica durante a institucionalização do Mito Cristão e a Inquisição. A conduta patriarcal dominante impede o exercício do Arquétipo da Alteridade que é a essência do Mito e que leva à elaboração e integração da Sombra. Essa integração dos símbolos e funções fixados na Sombra corresponde à salvação no Mito e é impossibilitada pela coordenação Patriarcal.

Desde o início da técnica psicanalítica, Freud ensinou que devemos acolher as defesas (Sombra) e jamais reprimi-las. A atitude repressiva dos padres, usando trechos bíblicos e frases religiosas repetidas como mantras repressivos só faz exacerbar a defesa psicótica e intensificar a possessão. Ao mesmo tempo, o uso defensivo do dinamismo patriarcal pelos exorcistas, para reprimir a defesa psicótica, envolve suas próprias sombras e termina por fazer com que eles também caiam na possessão, da mesma forma que a repressão religiosa na Inquisição caiu na psicopatia e na psicose (Byington, 1991).

O Padre Karras é envolvido por uma defesa transferencial, quando o demônio fala com a voz de sua mãe, atacando-o e acusando-o de tê-la abandonado. Isso exacerba

intensamente a culpa de Karras e o faz cair na possessão psicótica agressiva. Sua morte ocorre como a de Burke, quando seu corpo cai pela janela. Fica no ar a suspeita dele ter ficado possuído pela agressividade ou pelo sexo e se atirado pela janela ou de Regan tê-lo atirado, possuída por uma força descomunal, que já havia mostrado ter antes quando atacou os médicos. É comum nas psicoses, o doente apresentar uma força extraordinária que normalmente não tem.

Depois da morte dos dois padres, a possessão de Regan cede e ela se apresenta aparentemente curada. Fica no ar a busca psicodinâmica para tentar entender como isto poderia ter acontecido, além da explanação puramente esotérica de que o mal, o demônio, ataca quando se lhe apraz.

Uma possibilidade psicodinâmica poderia ser uma grave fixação matriarcal e patriarcal histórica e psicótica edipiana que atua a sexualidade e a agressividade, num furor satânico, que corresponde ao incesto e ao parricídio e que se exaure depois de explodir num episódio agudo no início da adolescência.

A escolha deste filme não quer provar nada do ponto de vista da relação do conhecimento esotérico, proveniente das reações subjetivas que incluem a fantasia, com o conhecimento objetivo proveniente da observação científica. Ambos os caminhos existem para descobrir a verdade. Proponho que não tenhamos preconceitos e elaborem os fatos e vivências como símbolos. Da elaboração é que emergem e se diferenciam os componentes subjetivos e objetivos que nos mostram a realidade das coisas e das emoções.

No caso de Regan, vemos que o seu delírio psicótico (subjetivo) ocorre dentro do mito do Diabo do Catolicismo (subjetivo). Os exames neurológicos nada revelaram (objetivo). Regan estava iniciando a puberdade e sua produção de estrogênio (objetivo) estava alterando sua personalidade e despertando sua sexualidade e agressividade (subjetivo). Sua mãe não contribuiu para essa transformação, mas pelo contrário, dificultou-a (subjetivo) negando sua relação amorosa com Burke (subjetivo e objetivo), sua raiva do pai da menina e fingindo ainda amá-lo (subjetivo e objetivo). Com isso ela impede que a filha elabore sua sexualidade e agressividade, que ativadas, mas não integradas, levam à possessão psicótica.

Dois padres são chamados para o exorcismo (objetivo). Um é jovem, vigoroso e dotado de uma função agressiva exuberante (objetivo), mas dependente de sua mãe e sexualmente reprimido (subjetivo e objetivo) e terá dificuldade em vivenciar emoções fortes (subjetivo).

Dentro da relação transferencial terapêutica (subjetivo e objetivo) do ritual católico do exorcismo (subjetivo e objetivo), os símbolos e funções estruturantes da sexualidade e

da agressividade fixados na Sombra de Regan, com defesas neuróticas e psicóticas (subjetivo e objetivo) são projetados no namorado de sua mãe e serão projetados nos dois padres (subjetivo e objetivo). Os padres atuam com objetos e orações para exorcizar o demônio (objetivo), mas o quadro se agrava. As defesas neurótica e psicótica conseguem envolver o padre Karras, que se atira, ou é atirado pela janela (subjetivo e objetivo) e o padre Merrin fica possuído pela sua agressividade contra o demônio e morre possivelmente de um infarto (subjetivo e objetivo). Regan sai do surto.

As fixações matriarcais graves que ativam a defesa matriarcal histérica, neurótica, psicopática e psicótica podem apresentar quadros clínicos de curta duração que costumam sair do surto sem sequelas, o que seria o quadro de Regan. Há que se considerar que a imensa carga sexual e agressiva (subjetivo e objetivo) despejada pela sombra de Regan durante o surto, pode ter exaurido a fixação e contribuído para a remissão. Esta é uma mera hipótese, baseada em minha experiência clínica e no conhecimento teórico da posição insular matriarcal normal e patológica.

Uma colega perguntou sobre o processo de individuação durante as fixações. Como bem diz o nome, individuação não é um estado e sim um processo. No caso da formação de fixações, formação de Sombra, em maior ou menor grau, que todos temos, o processo continua, apesar de a Sombra paralisar o aproveitamento dos símbolos e funções que estão fixados no Self. Mesmo com patologia, porém, o Arquétipo Central continua coordenando a elaboração simbólica para levar os símbolos e funções da Consciência e da Sombra em direção à autorealização. Nesse sentido, a compulsão de repetição é uma defesa formada com a fixação da função estruturante normal que, apesar de inadequada e relativamente improdutiva, atormenta o Self porque os símbolos que ela contém são necessários para a realização do potencial de autorealização que leva à compulsão de repetição.

Na próxima aula, que será a 10ª, estudaremos a criatividade normal e patológica infantil, com a lenda de Peter Pan.

Peço-lhes lerem, outra vez, sobre o quatérnio primário, Cap. 8, pp 169 a 182 da Psicologia Simbólica Junguiana.

Boa semana, um abraço a todos e até a próxima quinta-feira,
Byington

Referência Bibliográfica

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho (1991). Prefácio. In KRAMER, J. e SPRENGER, H. (1484), *O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos-Record, 1991. Título original: *Malleus Maleficarum*.
(texto em anexo)